

Ernest Hemingway

O ADEUS
ÀS ARMAS

tradução de
Adolfo Casais Monteiro

LIVROS DO BRASIL

CAPÍTULO 1

No fim do verão daquele ano vivíamos numa aldeia que, para lá do rio e da planície, confrontava as montanhas. No leito do rio havia seixos e pedregulhos, secos e brancos ao sol, e a água clara corria suavemente pelos canais. Passavam tropas em frente da casa e desciam a estrada, e a poeirada que levantavam cobria as folhas das árvores. Os troncos das árvores estavam também cobertos de pó e as folhas caíram cedo naquele ano, víamos as tropas marchando pela estrada fora e o pó que se levantava e as folhas, levantadas pela brisa, caíam sobre os soldados em marcha e depois a estrada deserta e branca sem nada além das folhas.

Na planície, além dos campos cultivados, havia muitos pomares, e para lá da planície as montanhas erguiam-se escuras e nuas. Combatia-se nas montanhas, e de noite podíamos ver os clarões da artilharia. Na escuridão, dir-se-iam relâmpagos de calor, mas as noites estavam frias e não se sentia a aproximação de nenhuma tempestade.

Às vezes, no escuro, ouvíamos as tropas marchando, debaixo das janelas, e canhões que passavam, puxados por tratores. Havia muito movimento de noite, e passavam nas estradas muitas mulas com caixas de munições de cada lado dos selins e pesados camiões cinzentos que conduziam homens e outros com carga, cobertos de oleados, que se moviam mais lentamente do que o resto do tráfego. Também passavam de dia grandes canhões arrastados por tratores, os longos canos cobertos de folhagem verde, ramos verdes cheios de folhas de vinha, dissimulando os tratores. Para o norte, para lá do vale, víamos uma floresta de carvalhos, e, por trás desta, outra montanha deste lado do rio. Também se lutava pela posse desta montanha, mas sem sucesso, e quando chegou o outono e vieram as chuvas, todos os castanheiros perderam as folhas, e os ramos ficaram nus e os troncos negros com a chuva. As vinhas ficaram também despidas, e toda a região húmida e castanha e

morta com o outono. Nevoeiros cobriam o rio e nuvens a montanha, e os camiões esparrinhavam lama na estrada e as tropas que passavam traziam os capotes enlameados e húmidos; as espingardas vinham húmidas, e as duas cartucheiras de couro à frente, sobre o cinturão, pesadas caixas cinzentas com carregadores cheios de longos e finos cartuchos de 6,5 mm, avolumavam-se debaixo dos capotes de forma que os homens, passando na estrada, pareciam grávidos de sete meses. Passavam a toda a pressa pequenos automóveis cinzentos: em geral ia um oficial ao lado do condutor, e mais oficiais no assento de trás. Esparrinhavam ainda mais lama do que os camiões, e se um dos oficiais do assento de trás era muito pequeno e ia sentado entre dois generais, tão pequeno que não se lhe distingua a cara mas só o alto do queixo e as costas estreitas, e se o carro ia particularmente depressa, então era provavelmente o rei. Estava em Udine e fazia este caminho quase todos os dias, para ver como as coisas corriam, e as coisas corriam francamente mal.

Quando começou o inverno, a chuva tornou-se permanente, e com a chuva veio a cólera. Mas foi dominada, e só matou sete mil homens do exército.

CAPÍTULO 2

No ano seguinte houve muitas vitórias. A montanha que ficava do outro lado do vale e a encosta dos castanheiros foi tomada e houve vitórias para lá da planície, no planalto que ficava ao sul, e em agosto atravessámos o rio e fomos viver para uma casa em Gorizia que tinha uma fonte e um jardim murado cheio de árvores umbrosas e uma glicínia púrpura trepava pela parede da casa. Agora combatia-se nas montanhas próximas, a menos de uma milha. A cidade era muito bonita e a nossa casa muito agradável. O rio que passava atrás de nós e a cidade tinham sido brilhantemente conquistados, mas as montanhas que ficavam para além não tinham podido ser tomadas, e eu estava bem contente por os austríacos parecerem decididos a voltar algum dia à cidade, se a guerra acabasse, porque não a bombardeavam com a intenção de a destruir, visando apenas os pontos estratégicos. A cidade tinha habitantes, e havia hospitais e cafés e artilharia nas ruas afastadas e duas casas de mulheres, uma para soldados e outra para oficiais, e com o fim do verão, as noites frescas, a luta nas montanhas para além da cidade, as marcas de granadas na ponte do comboio, o túnel destruído junto do rio onde se tinha combatido, as árvores em volta do largo e a longa avenida de árvores que levava ao largo; isto, e haver raparigas na cidade, o rei passando no seu automóvel, vendo-se-lhe agora às vezes o rosto e o corpo franzino de pescoço comprido e a barba grisalha que lembrava uma pera de chibo; tudo isto e a visão súbita do interior de casas a que o bombardeamento deitava uma parede abaixo, com pedaços de calça e de estuque nos jardins e às vezes na rua, e tudo a correr bem no Carso, tornava o outono muito diferente do outono anterior, quando tínhamos estado naquela aldeia. A guerra também se modificara.

A floresta de carvalhos, na montanha para lá da cidade, desaparecera. A floresta fora verde no verão, quando tínhamos vindo para a cidade, mas

agora estava reduzida a cepos e troncos quebrados e a terra revolvida, e um dia, para o fim do outono, quando eu estava onde tinha sido a floresta de carvalhos, vi uma nuvem que avançava por sobre a montanha. Vinha muito depressa, e o sol ficou de um amarelo apagado, e tudo se tornou cinzento, e o céu coberto, e a nuvem veio descendo a montanha e de repente envolveu-nos e era neve. A neve inclinou-se com o vento, a terra nua ficou coberta, com os troncos das árvores sobressaindo, a neve cobria as espingardas e formaram-se veredas na neve, em direção às latrinas que ficavam atrás das trincheiras.

Mais tarde, depois de vir para a cidade, estava um dia a ver cair a neve, da janela da casa de mulheres, a dos oficiais, enquanto bebia uma garrafa de *Asti* com um amigo; e vendo a neve cair lenta e pesadamente, compreendemos que tudo estava arrumado por aquele ano. Para cima do rio as montanhas não tinham sido tomadas; nenhuma das montanhas para lá do rio tinha sido tomada. Ficava tudo para o próximo ano. O meu amigo viu o nosso capelão passar na rua, caminhando prudentemente na lama, e inclinou-se da janela para lhe chamar a atenção. O padre olhou para cima. Viu-nos e sorriu. O meu amigo fez-lhe sinal para subir. O padre abanou a cabeça e seguiu. Na messe, naquela noite, depois do *spaghetti* que todos comiam muito depressa e muito sérios, erguendo o *spaghetti* com o garfo até os fios penderem soltos, e descendo-os então até à boca, ou então erguendo-os e sugando-os num movimento contínuo, servindo-se ao mesmo tempo de vinho do garrafão coberto de palha; balouçava num suporte de metal, e inclinando o garrafão com o indicador, o vinho, rubro, tânico e delicioso, caía no copo erguido com a mesma mão; acabado o *spaghetti* o capitão começou a implicar com o padre.

O padre era novo e corava facilmente; usava um uniforme igual ao de todos nós, mas com uma cruz de veludo vermelho acima da algibeira superior do lado esquerdo do dólman cinzento. O capitão falava italiano macarrônico, a fim de eu entender tudo perfeitamente.

— Padre hoje com raparigas — disse ele, olhando para o padre e para mim. O padre sorriu e corou, abanando a cabeça. O capitão estava sempre a implicar com ele.

— Não é verdade? — perguntou o capitão. — Hoje eu ver padre com raparigas.

— Não — disse o padre. Os outros oficiais estavam divertidos com a brincadeira.

— O padre não estar com raparigas — continuou o capitão. — O padre nunca andar com raparigas — explicou-me ele. Pegou no meu copo e encheu-o, sem tirar os olhos de mim, mas não perdendo o padre de vista.

— O padre todas as noites cinco contra um. — Todos os que estavam à mesa desataram a rir. — Você compreender? Padre todas as noites cinco contra um — e fez um gesto eloquente, dando uma gargalhada. O padre não se dava por achado.

— O Papa quer que os austríacos ganhem a guerra — disse o major. — Ele gosta de Francisco José. É de onde lhe vem o dinheiro. Eu cá sou ateu.

— Já leu o *Porco Negro*? — perguntou o tenente. — Hei de arranjar-lhe um exemplar. Foi o que abalou a minha crença.

— Isso é um livro sujo e reles — disse o padre. — Não acredito que lhe possa agradar.

— É muito bom — disse o tenente. — Fica-se a saber o que são os padres. Você há de gostar — disse-me ele. Eu sorri ao padre e ele sorriu também para mim, por cima do candelabro. — Não vá ler isso — disse ele.

— Hei de arranjar-lhe um exemplar — disse o tenente.

— Todos os homens com a cabeça no sítio são ateus — disse o major. — Mas não acredito na maçonaria, todavia.

— Eu acredito na maçonaria — disse o tenente. — É uma nobre organização. — Alguém entrou, e pela porta aberta vi que a neve continuava a cair.

— Agora que veio a neve acabou-se a ofensiva — disse eu.

— Com certeza — disse o major. — Você devia arranjar uma licença. Ir até Roma, Nápoles, à Sicília...

— Ele devia ir a Amalfi — disse o tenente. — Eu dou-lhe cartas de apresentação para a minha família, em Amalfi. Será recebido como um filho.

— Devia ir a Palermo.

— Vá antes a Capri.

— Gostava que fosse aos Abruzos e visitasse a minha família, em Capracotta — disse o padre.

— Olhem para ele a falar-lhe nos Abruzos! Ainda há lá mais neve do que aqui. Ele não está para ver aldeões. Deixe-o ir para os centros de cultura e de civilização.

— Do que ele precisa é de raparigas bonitas. Hei de lhe dar endereços de casas de Nápoles. Raparigas novas bonitas... acompanhadas pelas respetivas mães. Ah! Ah! Ah! — O capitão estendeu as mãos com os dedos abertos, o polegar espetado para cima, como se estivesse a fazer sombras chinesas. A sombra da mão estendeu-se na parede. Voltou a falar italiano macarrónico: — Você chegar lá assim — e apontava para o polegar — e voltar assim — e tocou no dedo mindinho. Desataram todos a rir.

— Olhe — disse o capitão. Estendeu outra vez os dedos. As sombras reapareceram na parede. Começou pelo polegar espetado e nomeou por ordem o polegar e os quatro dedos: — «Soto-tenente» (o polegar), «tenente» (o indicador), «capitano» (o maior), «maggiore» (o anular) e «tenente-colonello» (o dedo mindinho). Vai para lá «soto-tenente» e volta «soto-colonello».

Riram todos. O capitão estava todo contente com o sucesso dos seus jogos de mãos. Olhou para o padre e gritou: — Todas as noites, padre, cinco dedos contra um! — Nova gargalhada.

— Você tem de ir já de licença — disse o major.

— Gostava de ir consigo para lhe mostrar coisas — disse o tenente.

— Quando voltar traga um fonógrafo.

— Traga bons discos de ópera.

— Traga Caruso.

— Não traga Caruso; grita de mais.

— Tomara você gritar como ele!

— Grita! Já disse que grita!!

— Eu gostava que fosse aos Abruzos — disse o padre. Os outros continuavam aos berros. — Há lá boa caça. Havia de gostar da gente, e apesar de

frio é luminoso; e seco. Podia ficar em casa da minha família. O meu pai é um caçador de fama.

— Venha daí — disse o capitão. — Vamos às raparigas, antes que feche.

— Boa noite — disse eu ao padre.

— Boa noite — respondeu ele.